



CRISE DE IDENTIDADE DO SUJEITO

Diana Montanha Padilha Pivetta*

Liliane Stedile de Matos**

Ivone Jesus Alexandre***

RESUMO

O artigo visa analisar o tema da construção da identidade do sujeito, apresentando o conceito das velhas e novas identidades e das três concepções de identidade: o sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno, observando as profundas modificações as quais o sujeito foi submetido, abandonando sua identidade fixa e sólida por identidades variáveis e temporárias. Apresenta-se um histórico da construção da identidade do sujeito na humanidade, depois, o artigo aborda a questão da nova ideia de identidade que a sociedade líquida globalizada impõe. Finalizando, apresentamos a mudança nos relacionamentos afetivos que a pós-modernidade líquida está proporcionando.

Palavras-chave: Identidade. Modernidade. Sociedade. Educação. Globalização. Sujeito.

1 INTRODUÇÃO

Inseridos nesta sociedade líquida moderna, presenciamos uma crise de identidade em seus sujeitos, desencadeada por transformações intensas e constantes, atualmente provocando uma profunda deterioração de suas condições de vida.

* Bacharel em Ciências Contábeis e Licenciada em Matemáticas pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/Sinop). Pós-graduanda no Curso de Especialização **Docência no Ensino Superior** pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

** Engenheira de Pesca pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE/Toledo). Licenciada em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Mestranda em Ciências Ambientais pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT/Sinop). Pós-graduanda em **Docência do Ensino Superior** pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

*** Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/Sinop). Pós-graduada em Educação a Distância pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT/Cuiabá). Mestrado em Educação pela UFMT/Cuiabá. Professora Assistente na UNEMAT/Juara e atua na área de Metodologia de Ensino.

Quem é você? Em uma sociedade globalizada, onde os relacionamentos se tornaram líquidos, superficiais de tal maneira, que são substituídos da mesma forma que trocamos de roupa, são descartáveis de tal forma, que um simples *click* o deleta da rede de contatos. E essa fluidez provoca um sentimento de insegurança desconhecido ou não vivido até então, isolando os sujeitos em um mundo virtual, quase sem contato com o outro, se detendo a diálogos evasivos com ‘amigos’ desconhecidos, sim, porque é mais fácil desta forma. Estes relacionamentos não exigem intimidade e cobranças, não existindo uma interação entre as partes, interação esta, indispensável para a construção da identidade pessoal que neste mundo líquido está sendo descartada, substituída.

O objetivo deste artigo é fazer uma reflexão sobre a construção da identidade do sujeito, resgatando o conceito das velhas identidades e discutindo as novas identidades através da teoria da fragmentação do indivíduo moderno.

2 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

O tema identidade está sendo amplamente discutido nos últimos tempos, considera-se que ele está dividido em: as ‘velhas’ e as ‘novas’ identidades. Acredita-se que as ‘velhas’ identidades, onde o sujeito é visto como unificado, está em declínio, enquanto as ‘novas’ identidades estão em ascensão, e tem como teoria a fragmentação do indivíduo moderno. Este processo de mudança é denominado como ‘crise de identidade’ e está gerando um desconforto social ao indivíduo, que antes possuía uma fácil identificação de seu lugar dentro da sociedade. Não se sabe ainda em quê realmente consiste esta ‘crise de identidade’ e em qual rumo seguirá.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. (HALL, 2006, p. 1).

Para Hall (2006) o sujeito moderno mudou em três pontos estratégicos durante a modernidade, esta mudança demonstra que o sujeito tem uma história, a partir disso pode ter um início (nascimento), meio e fim (sua morte) e nos apresenta três concepções de identidade: o sujeito do iluminismo; o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno.

O sujeito do iluminismo tinha como características ser centrado, ágil e racional, seu centro consistia num núcleo interior, ele nascia e morria do mesmo jeito, não sofrendo

alterações durante sua existência, a sua identidade era considerada individualista, e este ser era considerado masculino. No princípio acreditava-se que tudo para o indivíduo já estava previamente estabelecido pela divindade, sendo assim, nada poderia ser modificado, as coisas deveriam seguir o seu curso normalmente, sentiam-se seguros naquela situação e tinham suas bases estruturadas em suas crenças. Já o sujeito sociológico não admitia que seu núcleo interior fosse autossuficiente, mas sim, que sua identidade se formava a partir das relações que possuía com pessoas importantes para ele, havendo desta forma uma troca de valores, símbolos e culturas do lugar em que habitava. Este sujeito ainda considerava ter um núcleo, porem este núcleo não era mais autossuficiente, ele necessitava da interação do seu 'eu' real com a sociedade.

O fato de projetarmos a nós próprios nessas identidades culturais ao mesmo tempo em que internalizamos seus significados e valores, tornando-os partes de nós, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. (HALL, 2006, p. 2).

Estas mudanças começaram a acontecer entre o século XVI e XVIII, onde surgiu o 'indivíduo soberano' passando por diversas transformações, libertando-se dos mandos e desmandos da igreja, começando a se manifestar diante das coisas, passando a perguntar, responder, questionar e investigar, firmando uma independência que antes não possuía. Com isso a modernidade começava a dar seus primeiros passos.

Alguns pensadores contribuíram com estas mudanças, como por exemplo, René Descartes (apud HALL 2006, p.7) "no centro da 'mente' ele colocou o sujeito individual, constituído por sua capacidade para raciocinar e pensar", ficando conhecida sua frase que caracterizou o conceito '*Cogito, ergo sum*' (em português Penso logo existo), e John Locke com a teoria de que a identidade do indivíduo era contínua e se estendia até onde sua consciência conseguia chegar. John Locke (apud HALL 2006, p.7) "a identidade da pessoa alcança a exata extensão em que sua consciência pode ir para trás, para qualquer ação ou pensamento passado". Podemos observar que até aqui tudo estava centrado no sujeito e sua razão.

Com o passar do tempo e constantes modificações na sociedade moderna o sujeito passou a ter uma concepção mais social do que essencialmente individualista, passando a ser conceitualizado a partir de sua interação com a sociedade. Hall (2006) destaca dois fatores que foram de suma importância para os novos conceitos dos sujeitos modernos. O primeiro referiu-se às teorias de Darwin, nas quais o sujeito passou a ter uma relação direta com a natureza enquanto o segundo deu-se com as novas ciências sociais, tais como a psicologia,

que passou a estudar a mente do indivíduo, a sociologia, que discutiu o ‘individualismo racional’ levantando novas teorias sobre a formação dos indivíduos a partir de sua interação com o meio.

Toda essa transformação gerada pela sociedade moderna faz com que haja um deslocamento do sujeito. Segundo Laclau (1990), “a sociedade moderna não tem nenhum centro, nenhum princípio articulador ou organizador único e não se desenvolve de acordo com o desdobramento de uma única causa ou lei”. Quando há um deslocamento o centro não é substituído, ele permanece, porém ele muda de lugar ou agrupam-se a ele vários outros centros.

A sociedade não é, como os sociólogos pensaram muitas vezes, um todo unificado e bem delimitado, uma totalidade, produzindo através de mudanças evolucionárias a partir de si mesmas. Ela está constantemente sendo descentrada ou deslocada por forças de si mesma. (HALL, 2006, p. 4).

O que protege as sociedades da modernidade tardia de se desintegrarem totalmente são seus diferentes elementos e identidades, que quando necessários se articulam e as sustentam, sem precisarem ser unificadas, ficando prontas para novas flexibilizações.

Hall (2006) aponta que na modernidade tardia houve diversas descentralizações nas concepções do sujeito moderno, e nos apresenta cinco delas, sendo que a primeira refere-se ao pensamento Marxista. O indivíduo somente age com base no que fora deixado por seus antecessores, tanto material quanto cultural, atestada pela seguinte frase de Marx (apud HALL 2006, p.9) “homens fazem a história, mas apenas sob as condições que lhes são dadas”. A segunda diz respeito da teoria de Freud, com a descoberta do inconsciente, ele defendia que a criança necessita da relação com os outros para a sua formação, pois não se desenvolve apenas a partir de seu núcleo interior, isto não seria suficiente. Com isso a identidade deixa de ser fixa e unificada.

A terceira refere-se à língua que falamos, estudada por Ferdinand de Saussure. Com ela expressamos nossas vontades, sentimentos e opiniões, porém não é só isso que ela apresenta, a língua é composta de uma gama de significados constituídos por nossa sociedade no decorrer dos anos, assim ela pode expressar muito mais do que queremos ou pensamos. “A língua é um sistema social e não um sistema individual”. (HALL, 2006, p. 10). O poder da disciplina de Michel Foucault é o quarto descentramento. Ele se preocupa com o convívio em sociedade, com o grupo populacional, suas relações devem ser reguladas por órgãos que propiciem segurança, estudo e saúde a todos. Posteriormente a isso, se preocupa com o indivíduo isolado. Quinto e último, se enquadra o feminismo, esse movimento trouxe grandes

questionamentos e discussões, tanto no campo político como no social chegando a questionar se as mulheres também faziam parte da humanidade.

Podemos observar que a identidade que antes era unificada e estável esta se fragmentando, e ao invés de apenas uma identidade sólida, esta se tornando várias identidades e por vezes estas últimas são contraditórias e mal resolvidas. Estas transformações dão origem ao sujeito pós-moderno que deixou sua identidade fixa e sólida, por identidades diferentes e agora diferentes em diversos momentos. Se antes existia uma identidade segura e coerente, agora as identidades são variáveis e temporárias.

3 IDENTIDADE NA SOCIEDADE LÍQUIDA

A sociedade entra numa era de modernidade líquida, onde os sujeitos mudam tão rápido que não existe mais tempo para a solidificação de hábitos, rotinas, comportamentos, e relacionamentos, a vida se torna líquida, baseada na insegurança e no descartável.

Os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade [...] Enquanto os sólidos têm dimensões especiais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou tornam irrelevante), os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la. (BAUMAN, 2005a, p.8).

Segundo Bauman (2009, p.45), neste processo de inovações e globalização surge uma identidade definida unicamente por se distinguir de todo o resto, de todas e cada uma das identidades nomeadas, conhecidas e reconhecidas, e por essa razão aparentemente estabelecida. A identidade não tem um modelo próprio definido para seguir, desta forma, dá continuidade ao processo de crise de identidade.

Estas mudanças das identidades estão fortemente ligadas ao processo de 'globalização', seu reflexo sobre as identidades culturais ao mesmo tempo em que nos cobram uma rapidez de ação, diante das diversas situações com as quais nos deparamos no plano do consumo, nos faz sentir também um desconforto devido aos sacrifícios exigidos da sociedade.

Líquido - moderna é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos rotinas, das formas de agir. [...] As condições de ação e estratégia de reação envelhecem rapidamente e se tornam obsoletas antes de os atores terem uma chance de aprendê-las efetivamente. (BAUMAN. 2009. p. 7).

Para Rouanet (1993. p. 96), usando a psicanálise de Freud, esta sensação de pressão e mal-estar, é o desconforto sentido pelo sujeito em consequência dos sacrifícios pulsionais

exigidos pela sociedade moderna. Fato este, também descrito por Bauman (2009, p.191), quando ele cita que para a grande maioria dos habitantes do planeta, a soma total das atuais transformações (com codinome de globalização) equivale a uma profunda deterioração de suas condições de vida - mas acima de tudo um advento de uma desconhecida insegurança da existência, ou insegurança de um tipo novo e desconhecido, despido das defesas e soluções anteriores e rotineiras.

Deixamos para trás as sociedades tradicionais, onde venerávamos o passado e os símbolos que contavam a história de nossas origens e passamos a vivenciar a sociedade moderna, onde tudo se transforma muito rápido, é um mundo repleto de informações que faz com que nada permaneça do mesmo jeito, tudo se atualiza constantemente.

No mundo passado, onde o tempo caminhava bem mais lentamente e resistia à aceleração, as pessoas tentavam fechar o torturante fosso entre a pobreza de uma vida curta e mortal e a riqueza infinita do universo eterno como esperanças de reencarnação ou ressurreição. (BAUMAN, 2009, p.15).

Nessa altura, percebe-se que o problema da identidade não é apenas algo que tem que ver com a esfera subjetiva da pessoa, segundo Cugini (2008), mas é extremamente ligado ao contexto social no qual a pessoa é inserida. Foi na época moderna que nasceu a ideia de identidade nacional, ligada ao estado. Como todos os exageros da época moderna, assim como os profetas da pós-modernidade há tempos ressaltam que a ideia de Estado explodiu, não aguentando o impacto do advento da globalização. Os sujeitos que não se identificam mais, e que, nunca se identificaram, com a estrutura do Estado Moderno, buscam hoje novas comunidades onde podem sentir uma pertença, uma nova identidade. “Os usuários dos recursos de namoro on-line podem namorar com segurança, protegidos por saberem que sempre podem retornar ao mercado para outra rodada de compras”. (BAUMAN, 2003, p. 85).

O fenômeno das “comunidades virtuais”, nas quais as pessoas se entregam em busca de relacionamentos que a sociedade fluida pós-moderna não oferece mais, pelo menos não oferece com a qualidade que oferecia quando o mundo era ainda “lento”. O problema é que os laços humanos tecidos nestas novas comunidades virtuais não permitem a formação de uma identidade saudável. (CUGINI, 2008, p. 169).

Nesta sociedade líquida é comum sujeitos possuírem centenas de ‘[amigos virtuais](#)’ em sites de relacionamento, porém, na vida real, no cotidiano, no decorrer dos obstáculos são pessoas vazias, enclausuradas em sua profunda solidão. Então preenchem este vazio com contatos ‘virtuais’, relacionamentos superficiais, que não estabelecem vínculos emocionais, não necessitam de proximidade, transformando as relações humanas em breves e banais. De acordo com Bauman (2003, p.78), a proximidade virtual “[...] pode ser encerrada, real e

metaforicamente, sem nada mais que o apertar de um botão”. No mundo fluido onde os valores são de natureza cambiante e as regras instáveis, o máximo que deve ser feito nos relacionamentos afetivos é reduzir riscos, evitar a perda de opções que se traduz na capacidade de terminar quando se deseja.

Segundo Bittencourt (2010), tememos amar plenamente alguém pelo fato de não queremos vir a ser usados no máximo das nossas capacidades e sermos excluídos posteriormente quando a relação demonstrar os seus primeiros sinais de desgaste. Assim “desenvolvemos o crônico medo de sermos deixados para trás, de sermos excluídos”. (BAUMAN, 2005a, p.29). Não queremos ser violentados afetivamente pelo desgosto da desilusão sentimental. “Nas relações íntimas, o medo de tornar-se dependente de outra pessoa é uma falta de confiança nela; em vez disso, prevalecem nossas defesas”. (SENNETT, 2002, p. 167).

Desta forma, dissemina-se o modismo de ‘ficar’ com várias pessoas, sem compromisso com ninguém, seguindo os princípios da sociedade de consumo, utilizando-os nos relacionamentos amorosos, possuem uma grande quantidade de experiências afetivas. Afirmando a lógica da sociedade descartável, os relacionamentos se findam, se iniciam e reiniciam com tanta rapidez e naturalidade como se tudo estivesse pela hora da morte, num mundo de ‘salve-se quem puder’ (ditado popular). Mediante este problema apresentado Bittencourt (2010) questiona quando alguém diz que ‘fica’ com várias pessoas. Será que de fato essa pessoa ‘fica’ com alguém? Aliás, será que podemos dizer que: A pessoa imersa na liquefação existencial da pós-modernidade é capaz de ficar a sós algum momento consigo mesma? Adquirir autoconsciência?

De acordo com Cugini (2008), a identidade pessoal não se constrói de forma isolada, mas, na sociedade, e nela os relacionamentos afetivos têm importância fundamental. Assim, em nossa sociedade fluída, por não existirem relacionamentos afetivos de qualidade, se torna difícil formar uma identidade pessoal, os sujeitos procuram apoiar-se na quantidade oferecida em ‘redes de conexões’.

O pior é que, os sujeitos sem perceber estão trocando os raros relacionamentos sólidos por um mosaico de contatos líquidos e superficiais. A face de um amigo é substituída pela tela de um computador. Em relacionamentos sólidos, a presença do outro é um chamado diário, que nos questiona, cobrando nossa interação. Segundo Cugini (2008), é esta interação tão importante no desenvolvimento da identidade pessoal que, no mundo líquido, está sendo descartada, substituída.

4 CONCLUSÃO

A crise na identidade do sujeito é um fato inegável, devido a uma série de fatores, principalmente a globalização que faz com que os fatos aconteçam de forma veloz, transformando o que era sólido ontem em líquido e incerto hoje, trazendo com isso, diariamente, o sentimento da insegurança em todos os aspectos da vida.

O texto deste artigo não pretende solucionar problemas, mas sim, apresentar ideias que nos ajudem a compreender melhor a sociedade em que vivemos e alertar os sujeitos sobre os efeitos que as transformações atuais estão produzindo na vida corriqueira dos relacionamentos, dos afetos e dos sentimentos humanos.

Neste sentido acreditamos que, ao contrário do que nos impõe este mundo líquido, é imperativo o ato de cultivar relacionamentos sólidos, que nos proporcionem uma interação com o outro, processo este que auxiliará no desenvolvimento da identidade pessoal pós-moderna.

PERSON'S IDENTITY CRISIS

ABSTRACT¹

This article aims to analyze the issue of building the identity of the subject, showing the concept of old and new identities and three identity conceptions: enlightenment subject, sociological subject and post-modern subject, observing the profound changes in which the subject was submitted, abandoning his/her stable and solid identity for variable and temporary identities. It shows a history of building the subject identity in humanity, then, the article discusses the matter of the new idea about identity which global fluid society imposes. Finally, we present the change in the affective relationships that the post-modernity is providing to.

Keywords: Identity. Modernity. Society. Education. Globalization. Subject.

REFERÊNCIAS

¹ Tradução realizada por Marli Cichelero (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

BAUMAN, Z. **Vida líquida**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. **Modernidade Líquida**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005a.

_____. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005b.

_____. **Amor líquido**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BITTENCOURT, R. N. A Estrutura Simbólica da Vida Líquida em Zygmunt Bauman. **Revista de Filosofia – Argumentos**, Ano 2, n. 4, 2010. Disponível em <http://www.filosofia.ufc.br/argumentos/pdfs/edicao_4/12.pdf>. Acesso em: 29 fev. 2012.

CUGINI, P. Identidade, Afetividade e a Mudanças Relacionais na Modernidade Líquida na Teoria de Zygmunt Bauman. **Diálogos possíveis**, Art. 10. jan/jun 2008. Disponível em <http://www.faculdadesocial.edu.br/dialogospossiveis/artigos/12/artigo_10.pdf>. Acesso em 29 fev. 2012.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Ed. UNESP, 1993.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LACLAU, E. **New Reflections on the Revolution of our Time**. Londres: Verso, 1990.

ROUANET, S. P. **Mal-Estar na Modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 2002.